

# **O Estranho, O Estrangeiro, a Mente: esta estranha inconfidente<sup>1</sup>**

**Cláudia Cristina Antonelli**

---

<sup>1</sup> Vencedor do Prêmio Virginia Bicudo da ABC (Associação Brasileira de Candidatos) em ocasião do Congresso FEBRAPSI-ABC de 2019, Belo Horizonte (MG).

## **O Estranho, O Estrangeiro, a Mente: esta estranha inconfidente**

Este breve ensaio discorre acepções e lugares do Estranho/*Das Unheimliche* na literatura científica e literária; apresenta-o como conceito-limite na Psicanálise, enquanto busca expandi-lo para outros registros dentro da própria obra freudiana. Finaliza pela nomeação do funcionamento mental inconsciente como algo de estranhamente inconfidente – portanto, que se revela -, conforme vivido no encontro analítico. Uma pequena vinheta clínica permeia a última parte.

**Psicanálise - *das unheimliche* – cultura – e estranho – a mente**

## O Estranho, O Estrangeiro, a Mente: esta estranha inconfidente.

*“Eu percebo que não é normal... eu não controlo o que sinto... bem, sentir não é o problema... mas o que eu faço com isto. Eu.... ele foi trabalhar, a gente tinha discutido... já vinha discutindo.... eu não sabia mais o que fazer... eu, eu botei fogo na casa”.* (G.)

Falar do Estranho, conforme veremos, não é uma fala nova. Nem na voz das ciências, tampouco na da literatura não-científica, tal qual já nos anunciava o poeta Rimbaud, em 1871, em correspondência a Demeny: *“Eu é um outro”*. Já nosso conterrâneo, Machado de Assis, nos ensina em seu conhecido conto O Alienista (1882), que o estranho/estrangeiro, não era *o outro* - mas ninguém além dele mesmo, levando-se em conta, dentro do tema, o encontro com o diferente: o diferente que, no fundo, nos é comum a todos, segundo a trama contada por seu protagonista, Dr. Simão Bacamarte.

Ao saltarmos em direção a tempos mais atuais, encontramos alguns clássicos da Literatura, como *L'Étranger* (O Estrangeiro, que valeu a Albert Camus o prêmio Nobel de Literatura - França, 1942), no qual o protagonista seria ‘como um estrangeiro, não em relação a um país, mas em relação à própria humanidade’ (para além de toda a complexidade que a questão argelina implica para a França); ou ainda, para Kristeva (1994), “é a perda da mãe *que o faz estrangeiro*”.

Também na literatura especializada, temas relacionados ao estrangeiro são frequentemente pesquisados e discutidos pelas Ciências Humanas, assim como pela Psicanálise, em especial desde a II Grande Guerra.

Naquelas – Ciências Humanas -, em sua maior parte, no entanto, o assunto parece ser tratado a partir de um olhar de quem localiza o estrangeiro ‘fora’, colocando-o num espaço/tempo extrínsecos aos de quem o olha, o observador. Assim, já de partida, o estrangeiro é de fato tido como estrangeiro: o outro. O que parece natural, se levarmos em conta que seu objeto de interesse – para as ciências humanas -, é, afinal, o outro homem. Refiro-me à Antropologia, à Arqueologia, à Sociologia, à História e mesmo a algumas psicologias, dentre outras disciplinas.

Já para os autores da Psicanálise, o assunto parece voltar-nos o olhar, também estrangeiro, não somente ‘ao outro’, mas, sobretudo, a nós mesmos. Uma vez que o objeto de nossa busca já não seria exatamente o mesmo que das ciências humanas em geral. Com a especificidade da psicanálise, o olhar do pesquisador volta-se ao universo inconsciente, localizando o estrangeiro, antes, em seu próprio psiquismo, de onde afinal, surge a noção de estranho/estrangeiro.

Porém, ambos estrangeiros – se assim falarmos -, tanto aquele das ciências humanas, quanto o da Psicanálise – o inconsciente - podem ser e seriam, em última análise, aspectos de um

mesmo. Levando Koltai (2000) a nos anunciar “O estrangeiro, um conceito-limite”: limite que, por definição da palavra, nos remeteria a fronteiras, onde o psíquico e o conceitual se *confundiriam*.

No livro “O Estrangeiro” organizado por Koltai (Escuta, 1998), veremos Enriquez (apud Koltai, 1998) falar-nos do tema a partir de formações identitárias. Assim, o autor desenvolve o assunto utilizando-se da ilustração do judeu como figura paradigmática do estranho/estrangeiro, revelando questões subjetivas e muitas vezes inconscientes. Para ele, “o outro é sempre suspeito, geralmente com razão, de querer nos invadir, introduzir-se em nosso interior, usufruir-nos, tornar-nos culpados, provocar-nos a vergonha, a dúvida, em uma palavra, de ocupar o lugar do diabólico”. (ibid, p.37). Escreve Enriquez:

Talvez este duplo que tentamos chamar ‘de dentro’ e o ‘de fora’; nós e os outros; nós o amamos, e o detestamos ao mesmo tempo (...). **O estrangeiro real e o estrangeiro em nós, se juntam.** Rejeitando o estrangeiro, se está “seguro” de não ser contaminado por ele. (ibid, p. 40, grifos meus).

Enriquez esclarece que há aí um empobrecimento da compreensão do outro, suposto diferente. “Há sempre em nós um duplo”, diz-nos ainda. O autor conclui que o que descobrimos no interior de nós mesmos, afinal, não é o repugnante no outro, mas “nossa própria estranheza”. Tal qual já postulava Freud em 1919, conforme sabemos, e reveremos adiante.

Por sua vez, Figueiredo (ibid p. 61-75), nesta mesma coletânea fala-nos do tema a partir de outro eixo específico que será o lugar que a alteridade ocupa nos processos de subjetivação. Inicia lembrando-nos, a partir de Laplanche (textos reunidos na coletânea *La révolution copernicienne inachevée*, 1992 – A Revolução Copernicana inacabada), que os processos de constituição e reconstituição da subjetividade se dão a partir e tão somente do encontro com as alteridades, ou seja, do encontro – moderada ou intensamente traumático – com o estrangeiro.

Compreendendo este processo, o autor pontua o surgimento do estranho, exatamente ‘de onde não se esperava’, diz-nos Figueiredo – ou seja, **da mais absoluta proximidade**. E que, este mesmo estrangeiro, “será tão mais espantoso, quanto mais próximo emergir”. Em decorrência, as formas mais típicas de lidar com esta situação, prossegue, serão “ou bem negar esta proximidade, mantendo o estranho tão longe quanto possível, ou bem ignorar sua estranheza” (p.62, grifos meus).

Para evidenciar este fenômeno, ainda em sua leitura de Laplanche, Figueiredo esclarece que todo processo de constituição da subjetividade é pautado pelo encontro da criança com a alteridade do adulto, com o adulto na sua estranheza. Não se tratando aí, de ‘um adulto em

especial', pontua, mas *do mundo adulto*, "denso, rico de sugestões, excessivamente complexo, impossível de ser capturado e metabolizado, e – *invasivo*" (p. 63, grifos meus). Porém, esta alteridade no adulto ou, esta 'fonte estrangeira de mensagens' (Figueiredo), não seria constituída apenas pela diferença entre o adulto e a criança: haveria aí algo mais decisivo. Tratar-se ia, diz-nos ainda o autor, da diferença do adulto para consigo mesmo, ou seja, "da alteridade implicada no/pelo inconsciente do adulto como corpo estranho e estrangeirice própria. **É esta alteridade do próprio, é este inconsciente que torna o adulto enigmático para si mesmo e, mais ainda, para a criança**" (p.63, grifos meus).

Figueiredo ilustra desta forma a imponente dimensão inconsciente na qual se encontram imersas e banhadas estas questões que permeiam este tema.

Conclui o autor:

A medalha nos seus verso e reverso nos mostraria que a cada vez que alguém me aparece como outro, "partes" deste alguém já estão fazendo ou fizeram o seu trabalho matricial, ou seja, já estão presentes como o "meu" mundo, como o "meu" código de interpretação (...)" (p. 71).

Por fim, Jacques Hassoun (ibid), psicanalista francês também autor nesta coletânea, fala-nos também a partir de aspectos inconscientes e subjetivos do 'estranho/estrangeiro', de cada um. Diz: "Nascer no estrangeiro, no *outro*, no diferente, na alteridade, é uma prova da qual nenhum sujeito escapa". "O estrangeiro", afinal, "somos nós", reafirmou veemente Kristeva (1994), em sua bela obra a respeito do assunto. Nascemos de outro corpo, a partir da junção de outros - somos o terceiro, somos sempre, o estrangeiro. Conforme veremos melhor a seguir em diálogo com esta e outros autores da psicanálise.

## **O LUGAR DO ESTRANHO *INQUIETANTE* NA PSICANÁLISE**

Koltai (2000) nos mostra que a questão *estranho-estrangeiro* permeia a obra de Freud não somente em seu conhecido texto *O Estranho* (1919), mas em quase toda sua extensão. Lembra-nos que seu primeiro objeto do olhar, desde lá no início, já era 'o estranho' no sujeito psíquico: o que havia nas histéricas que não era passível de ser *visto* nos exames médicos neurológicos, e, no entanto, provava sua existência pelo sintoma? É o que intrigou Freud e o levou, ao longo de toda sua produção, a falar disto: do estranho, na mente humana. Afirmou:

"(...) O reprimido é território estrangeiro para o ego – território estrangeiro interno – assim como a realidade (que me perdoem a expressão inusitada) é território estrangeiro externo." (Freud, 1932, p. 63).

O estranho está em nós, não ‘veio de fora’, tampouco seriam posses alheias demoníacas como se pensou em um dia medieval. Prosseguiu Freud:

Nada vindo de fora penetrou em você<sup>2</sup>; uma parte da atividade da sua própria mente foi tirada do seu conhecimento e do comando da sua vontade. (...) e é impossível concentrar a totalidade da sua força como você o faria contra um inimigo externo. (1917, p. 176-177).

Lembra-nos ainda Koltai (2000) que Freud em Projeto de uma Psicologia Científica (1895) nos fala em “ajuda estrangeira”, referindo-se ao adulto que se ocupa da sobrevivência do *infans*. Esse “desconhecido próximo que é concomitantemente um objeto hostil e o único de quem se pode esperar uma ajuda”, essa ajuda estrangeira (p. 82). Podendo haver ainda, *um outro que surge em seu lugar* – no lugar do adulto que se esperava -, causando ao bebê, estranheza. Freud (1926/1980) se refere a casos em que “a criança está sozinha, no escuro, e encontra uma pessoa estrangeira no lugar daquela que lhe é familiar (a mãe)”, sendo que o estranho-estrangeiro é então, o *não-mãe*. (ibid, p. 91, grifo meu).

Proponho que reiteramos nosso lugar de estrangeiros quando ingressamos no mundo da linguagem: na esfera simbólica do circuito humano. Quando cada um, ao deixar seu mundo natural, simbiótico e predominantemente orgânico-sensorial do útero, ingressa inexoravelmente, no universo da falha, da falta, da ausência – marcados pelo símbolo, com toda sua complexidade.

### **OUTRAS ACEPÇÕES DE ESTRANHO/*UNHEIMLICH***

Há ainda, para a Psicanálise, a compreensão da estruturação mental, causa de estranhamento ao sujeito: “A posição do neurótico, do psicótico, do perverso, na medida em que cada um deles – de nós – em sua posição encontra-se exilado” (Koltai, 2000, p.27).

Há a ilusão de que, ao analisarmos alguém como nós, da nossa cultura, o trabalho será mais fácil e o acesso mais direto às representações inconscientes. O inconsciente é, e sempre será inconsciente, em qualquer língua ou em qualquer cultura. (Kacelnik, p. 103).

---

<sup>2</sup> Em outras traduções, ‘Nada de estrangeiro entrou em ti’.

*Das Unheimliche* pode ainda referir-se ao próprio lugar da análise, visto como uma experiência específica de encontro com o estranho. Assim nos disse Fédida, em *Le Site de l'Étranger* (O Sítio do Estrangeiro, 1992).

Lagarde (2004), em consonância com Fédida, entende que a experiência da psicanálise, é a própria experiência do exílio. Enquanto Segers (2009) dirá que, o lugar do estranho se confunde com o lugar da psicanálise através da experiência da transferência: uma concepção próxima à do **exílio íntimo**, ou interior, segundo a autora (p.35).

Kristeva (2004) nos fala a respeito:

Não sou mais búlgara que francesa. A psicanálise me levou a pensar que é o exílio que me constituía, e não eu que a ele pertencia. Que nossa verdade está em nossa capacidade de nos exilar, ou seja, de tomarmos distância em relação à (nossa própria) origem. (p. 111, TDA).

Ainda vertida sobre a obra de Freud, Koltai (2000) encontrou o termo (*unheimlich*) também como ‘representante do feminino’. Ou assim como Freud o denominou algumas vezes, o ‘continente negro ou desconhecido’<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Em seu artigo Sexualidade Feminina, vol. XXI, 1931/1980.

## POR FIM, A MENTE: ESTA ESTRANHA INCONFIDENTE

VINHETA

*“Eu percebo que não é normal... eu não controlo o que sinto... bem, sentir não é o problema... mas o que eu faço com isto. Eu.... ele foi trabalhar, a gente tinha discutido... já vinha discutindo.... eu não sabia mais o que fazer... eu, eu botei fogo na casa”.*

Há algo do universo psíquico desta paciente que, logo nos primeiros momentos de um primeiro encontro, se confidencia: o que não se esconde ou se resguarda, nem em si, nem a mim. A raiva, o ódio, o que quer que tenha vivido, prévio ou junto ao ato que me descreve, havia transbordado: seu *unheimlich*, torna-se seu crime. E pareço escutar aí, no *unheimlich/estranho* de seu ato – estranheza que percebo em mim, contratransferencialmente ao escutá-la contar-me o que havia feito -, a própria via régia à mente humana: o correlato dos sonhos.

Uma história de vida excessivamente saturada – não de vivências, mas de ações de sobrevivência; os trinta e poucos anos de fatos impiedosamente descritivos; a fala pesada, mecânica, sem afeto, a não ser pelas explosões emocionais esporádicas. Agora, “*como se viessem em avalanche*”, diz. Como se o dique construído ao longo dos anos se rompesse, atualmente vez após outra, e tudo o que havia ficado trancafiado a alto preço (do silêncio), vazasse e invadissem – a ela mesma, e ao entorno.

*“E eu fui embora. Juntei minhas coisas e fui embora... bem, eu parei, na quadra ao lado... vi que as pessoas se juntavam ali perto da casa em chamas. Eu queria ver, o que iriam fazer.”*

Como se a uma quadra de distância, pudesse observar então o resultado de seu *ato psíquico*, atuado. Poderia observar o que acontece quando se faz algo desmesurado; como se pudesse observar uma parte de si mesma – o que deixou ali para trás - à distância. Numa espécie de *simulacro de espaço de análise*, ocorreu-me: observar-se. Conforme visto, *Unheimlich* pode e refere-se também ao lugar da análise, visto como uma experiência específica de encontro com o estranho/estrangeiro *em si*; tal qual descreveu Fédida, citado na primeira parte.

Ali, logo no início – algo tão estranho quanto possivelmente desejado, o *unheimlich* do encontro consigo mesma parece ter se dado: a estranha e imediata vazão de si, o encontro com o *estético pouco falado*, conforme postulado por Freud no início de seu texto (1919). Aspectos de uma verdade mais profunda que, ao trair sua camuflagem – sob a pressão do encontro com a analista -, se revelam, revelando assim a inconfidência do próprio inconsciente: o ato assustador, a própria casa em chamas.



*“Eu sinto muito intensamente... o bom, o ruim... eu sinto muito intensamente. Com o remédio, isso parou... acabou tudo... eu não sentia mais assim... mas também, não sentia mais nada. Isso também não é legal. Eu não sentia mais nada.”*

O que lhe é estranho, é sua própria impulsividade, sua impossibilidade de contenção. Um *estranho* que lhe habita e encontra então, um lugar para se re-confirmar: diante agora, do outro. Num jogo intenso de identificações, é possível que naquele *lugar*, campo analítico, a paciente tenha podido ‘idealizar’ ou intuir um continente para aquilo que ela desconhecia, não controlava, e não ‘dominava’: “*o que eu faço com isto*”.

G. não se encontrava mais em típica idade para vestibular, mas tentava se preparar incansavelmente – até mesmo obcecadamente - para o vestibular em Medicina, havia já alguns anos. Enfermeira, queria “estar do lado de lá”, dizia. O que seria, o lado de lá, eu me perguntava.

Falava-me de seus ‘simulados’.

*“Sim... simulado assim eu fico tranquila, vou fazendo, sei que é simulado... o difícil é a prova de verdade, aí fico nervosa... muito tensa... às vezes me esqueço do que já sei.”*

Os dois meses seguintes fluíram ao ritmo de 4 sessões semanais, uma vez que G. vinha pela clínica social, em minha intenção, para a supervisão oficial da Formação. Teriam sido estes meses ‘um simulado de vida’? De uma vida possivelmente diferente; não mais da sobrevivência, mas do viver. No que foi se configurando como um mundo sensorial mais amigável entre nós – e dentro dela -, mais estável, não ameaçador: de escuta mútua e atenta, de olhares interessados, de breves sorrisos.

Parecia-me que G. ao chegar à sessão, frequentemente, antes mesmo de iniciar a fala, provava uma sensação de prazer, de satisfação e plenitude – por simplesmente *estar ali*. Como o encontro de um bebê (psíquico) com uma mãe afável; às vezes como o *infans* após mamar, é a imagem que me vinha. (G. costumava chegar às sessões com uma pequena garrafa de academia em seu colo, na qual preenchia com a água de meu consultório). Ela havia encontrado a possibilidade de uma análise intensa, ou seja, de um acolhimento para si intenso, exclusivo, e estável.

Até então sua vida lhe era um território *estrangeiro*, como ela descrevia: não conseguia permanecer muito tempo com as mesmas pessoas, mesmo que da família. Precisava se retirar. Não se ‘misturava’, não se sentia bem. Estava ela agora, apontando para um lugar outro, ali comigo?

*“Neste simulado da sexta, um professor de Geografia nos explicou sobre a diferença entre lugar e localidade. Ele disse que lugar é um lugar que para nós tem algum sentido, e localidade é somente a localização de algo.... Como a casa da infância, é um lugar... e o exercício pedia justamente isto, poder descrever um lugar importante para nós, onde voltaríamos se pudéssemos... um lugar em que eu me sinta bem, me sinta segura...”*

Começava G. a construir um lugar em meu consultório? A alusão quase direta, me é inevitável.

O modelo de análise oficial proposto segundo a nomenclatura Eitingon de formação IPA, talvez por um lado um modelo que possa parecer ‘estranho’ ele mesmo, a algumas situações/configurações psíquicas, pela sua proposta exigente (frequência, presença, assiduidade ao processo), tanto por parte do analista quanto do paciente; por outro lado, revela-se um modelo de aposta num método que, desta exata maneira, oferece algo sustentável, e sustentador.

Aquele primeiro encontro com G. (o da entrevista) fez-me apostar neste formato de andaime com ela especificamente, para que ali pudéssemos discorrer seu mundo que, como me contava, era esburacado, angustiante e imprevisível, tal qual um chão minado. Era-lhe imprescindível uma base segura e suficientemente contínua, na qual ela pudesse, novamente, caminhar – ou, quem sabe, dar seus primeiros passos.

Bibliografia referida:

ANTONELLI, C.C., e TERZIS, A., A Fala de cada Um: Uma investigação psicanalítica no contexto clínico, Rev. Pensamento Plural, vol. 5 n. 1, p.13-20, 2011.

ASSIS, M. de. O Alienista, Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Domínio público: <http://www.dominiopublico.gov.br> acessado 23/01/2013 às 22:22h.

CAMUS, A., *L'étranger*, Paris: Gallimard, 1942.

FÉDIDA, P., *Le Site de l'Étranger – La Situation Psychanalytique*, Paris: PUF, 2009.

FREUD, Inibição, Sintoma e Angústia. Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XX, Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1926/1980.

KACELNIK, J. Em que Língua teria Édipo conversado com a Esfinge? Revista IDE, versão impressa ISS 0101-3106 vol. 31 n. 47, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_, A clínica psicanalítica em língua estrangeira. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, PUC-SP, 2010.

KOLTAI, C. (org.), O Estrangeiro, São Paulo: Escuta, 1998.

\_\_\_\_\_, Política e Psicanálise. O Estrangeiro, São Paulo: Escuta, 2000.

KRISTEVA, J. Estrangeiros para nós mesmos. Trad. de Maria Carlota C. Gomes, Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda., 1994.

LAGARDE, P.S. Seminário “*Qu'est-ce que l'Étranger?*”, Parole Sans Frontière, Paris 2004, versão para impressão: <http://www.p-s-f.com/psf/spip.php?article73>

OLIVEIRA, M.V.F. O Bosque das Paixões: Intertextualidade e Tradução Intersemiótica em O Castelo dos Destinos Cruzados”, Universidade Federal do Espírito Santo, Dissertação de Mestrado, Vitória (ES), 2002.

SEGERS, M.-J., *De l'exil à l'errance*, Paris : Ed. Erès, 2009.